



**PKS**

PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT

REVISTA DE  
**GEOGRAFIA**

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

**OJS**

OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

## GÊNESE, POVOAMENTO E FORMAÇÃO DO URBANO NO OESTE GOIANO

Érika Munique de Oliveira<sup>1</sup> - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2459-5876>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Goiânia, GO, Brasil\*

*Artigo recebido em 30/08/2021 e aceito em 08/02/2022*

### RESUMO

Este artigo analisa como se deu o processo de ocupação, povoamento e formação de núcleos urbanos no Oeste Goiano. A narrativa buscou enfatizar o contexto de ocupação e os fatores que contribuíram para o povoamento da região nos séculos XVIII e XIX. A consulta e o diálogo com fontes históricas, documentais e bibliográficas permitiu chegar à conclusão de que a mineração iniciada ao longo dos Rios Vermelho e Claro formaram os primeiros núcleos urbanos, para tanto, com o declínio desta atividade novos processos de ocupação ocorreram motivados por processos migratórios, concessão de terras devolutas, atividade agropastoril e formaram novas nucleações.

**Palavras-chave:** Gênese; povoamento; núcleos urbanos; Oeste Goiano.

### GENESIS, SETTLEMENT AND URBAN FORMATION IN WEST GOIANO

### ABSTRACT

This article analyzes how the process of occupation, settlement and formation of urban centers in the west of Goiás took place. The narrative sought to emphasize the context of occupation and the factors that contributed to the settlement of the region in the 18th and 19th centuries. The consultation and dialogue with historical, documental and bibliographic sources allowed us to reach the conclusion that the mining started along the Vermelho and Claro rivers formed the first urban centers, therefore, with the decline of this activity, new occupation processes occurred motivated by processes migration, concession of vacant lands, agro-pastoral activity and formed new nucleations.

**Keywords:** Genesis; population; urban centers; West Goiás.

\* Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Goiânia-GO, Brasil. E-mail: [rika.munique@gmail.com](mailto:rika.munique@gmail.com).

## **GÊNESIS, ASENTAMIENTO Y FORMACIÓN URBANA EN WEST GOIANO**

### **RESUMEN**

Este artículo analiza cómo se desarrolló el proceso de ocupación, asentamiento y formación de núcleos urbanos en el occidente de Goiás. La narrativa buscó enfatizar el contexto de ocupación y los factores que contribuyeron al asentamiento de la región en los siglos XVIII y XIX. La consulta y el diálogo con fuentes históricas, documentales y bibliográficas nos permitió llegar a la conclusión de que la minería iniciada a lo largo de los ríos Vermelho y Claro formaron los primeros núcleos urbanos, por lo que con el declive de esta actividad se produjeron nuevos procesos de ocupación motivados por procesos migratorios, concesión de terrenos baldíos, actividad agropastoral y formados nuevos núcleos.

**Palabras llave:** Génesis; población; centros urbanos; Oeste de Goiás.

### **INTRODUÇÃO**

Analisar a formação do Oeste Goiano, com ênfase nos processos de ocupação, povoamento e consolidação de núcleos urbanos constitui o objetivo principal desta pesquisa. É importante destacar que foi definido como recorte temporal os séculos XVIII e XIX pois “caracterizam o processo de elaboração da organização espacial” (CORRÊA, 1987, p. 40).

A problemática desta pesquisa refere-se aos processos que influenciaram e conduziram a formação do Oeste Goiano. A busca por respostas proporcionou a elaboração de outros questionamentos, a saber: Que ações contribuíram para ocupação e a exploração do Oeste Goiano? Como ocorreu o povoamento? Quais as repercussões deste processo? E resultou em uma discussão que foi dividida nos seguintes tópicos: a) o contexto de ocupação; b) povoamento e núcleos originários; c) O surgimento de novos povoados no século XIX.

Em relação aos procedimentos metodológicos para a escrita da narrativa, dividimos em três fases, assim listadas: pesquisa bibliográfica e documental, assim como análise em banco de dados. Na primeira fase foi consultado livros, artigos, teses, dissertações para entender o processo de ocupação e povoamento do território goiano, e sobretudo da Região Oeste.

A segunda fase corresponde a análise documental. Inicialmente foram realizadas visitas presenciais no Acervo Histórico do Estado de Goiás e na Fundação Cultural Frei Simão Dorvi para consulta e análise de documentos sobre a formação dos núcleos urbanos do Oeste Goiano. Com a pandemia as visitas foram suspensas, retornando as atividades de maneira online. A partir desse momento o processo investigativo passou a ser realizado por meio da solicitação de material escaneado por e-mail.

A terceira fase consistiu em consultas em banco de dados virtuais, como o IBGE para *download* de materiais sobre Municípios Goianos, assim como, para coleta de dados geoespaciais. Esses dados foram convertidos em quadros e mapas que serão apresentados no decorrer desta narrativa.

### **O contexto de ocupação**

Por quase dois séculos de colonização, o povoamento se concentrou no litoral brasileiro e a navegação fluvial era o meio utilizado para percorrer o território. O caminho pelos rios, segundo Andrade (2004), era muito limitado e a penetração de maneira mais expressiva ocorria em rios mais caudalosos, como o São Francisco, o Paraguaçu, entre outros.

Com o elevado preço de escravos e a necessidade de mão-de-obra para trabalhar nas regiões mais pobres do litoral, os paulistas organizaram uma expedição que deram o nome de “bandeiras” e a intenção residia em percorrer o interior do espaço brasileiro para capturar índios (JÚNIOR, 1945).

Buscando índio e adentrando os grandes rios a bandeira cumpriu obra desarticuladora do habitat humano primitivo [...] de fato as bandeiras cometeram intensas “Razzias” de apresamento, tanto no Tocantins como no Araguaia, e um espírito de retaliação indígena certamente formou-se (BERTRAN, 1978, p.21).

As expedições não se reduziram a caça ao índio, o ouro encontrado em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII, conduziu milhares de pessoas para o Centro-Oeste brasileiro. Aqueles que encontravam ouro além do direito a uma parte das terras auríferas eram retribuídos com títulos de guarda-mor da mina (PALACIN; GARCIA e AMADO, 2001).

As expedições, nesse contexto, tinham um caráter exploratório, de natureza essencialmente econômica. Delas participavam portugueses, estrangeiros, paulistas, padres e/ou missionários conhecidos como jesuítas, cada qual com sua incumbência. Há registros da participação de escravos trazidos da África e índios que eram levados para exercer trabalho escravo nestas “missões”<sup>1</sup>.

Boa parte do território goiano já tinha sido conhecido pelas expedições<sup>2</sup> no início do processo de colonização (PALACIN; MORAES, 1989). Uma delas ocorreu por volta de 1622

---

<sup>1</sup> Nos registros históricos essa questão é destacada, sobre isso ver Chaim (1983) e Júnior (1945).

<sup>2</sup> É importante salientar que as entradas e as bandeiras eram chamadas de expedições, contudo, exerciam papéis e funcionalidades distintas. Enquanto as entradas cumpriam função de conhecer o território, mapear, traçar

quando Bartolomeu Bueno da Silva (pai) rumo ao interior brasileiro encontrou uma comunidade indígena Goyá e percebeu que poderia obter riquezas minerais nela. Ele levou amostras de um metal precioso para São Paulo com o desejo de retorno que foi inviabilizado com sua morte, deixando para o filho poucas informações sobre o trajeto e seus descobertos (GOMIS, 1998).

O ouro encontrado em Cuiabá no século XVIII despertou com fervor a busca incessante por novas fontes auríferas pelo território brasileiro. Bartolomeu Bueno da Silva (filho) sabendo dos descobertos do pai solicitou ao rei de Portugal a permissão para explorar o interior do Brasil. “O rei concedeu licença, mandando que o governador desse um regimento à bandeira. Todos os gastos da expedição ocorriam por conta dos organizadores, que, em troca, recebiam vantagens nas novas minas que descobrissem e os principais cargos políticos na região” (PALACIN; MORAES, 1989, p. 8).

A expedição liderada por Bartolomeu Bueno (filho) partiu de São Paulo com a intenção de chegar até as minas de Goyás, nome atribuído pelo seu pai. Na ocasião acabou se perdendo em trajeto, chegando primeiro nas áreas que compreendem os rios Claro e Pilões (Caiapó). Consta nos registros de viajantes Urbano Couto Menezes e José Peixoto da Silva Braga que o Anhanguera levantou acampamento nestas localidades para verificar a existência de ouro.

As marcas de sua passagem pela área foram identificadas em rochas e escavações no solo, uma delas situada a Oeste de Rio Claro nas proximidades da Serra da Gurita e do Morro Partido (atual município de Moiporá), de acordo com Gomis (1998). Isso evidentemente mostra que as buscas se estenderam por toda bacia hidrográfica dos principais rios no Oeste.

Como a intenção desde o início foi chegar as minas encontradas pelo seu pai Bartolomeu (pai), o bandeirante (filho) juntamente com sua tropa partiu em direção à Serra dos Martírios (atual Serra Dourada) e encontrou as minas de Goyazes onde deu início a exploração do ouro.

### **Povoamento e núcleos originários**

O desenvolvimento da atividade mineradora em torno do Rio Vermelho fundou o primeiro arraial em Goiás, denominado Sant’ Ana (atual Cidade de Goiás). A importância econômica gerada pelo ouro o caracterizou como um dos principais centros mineradores no século XVIII.

---

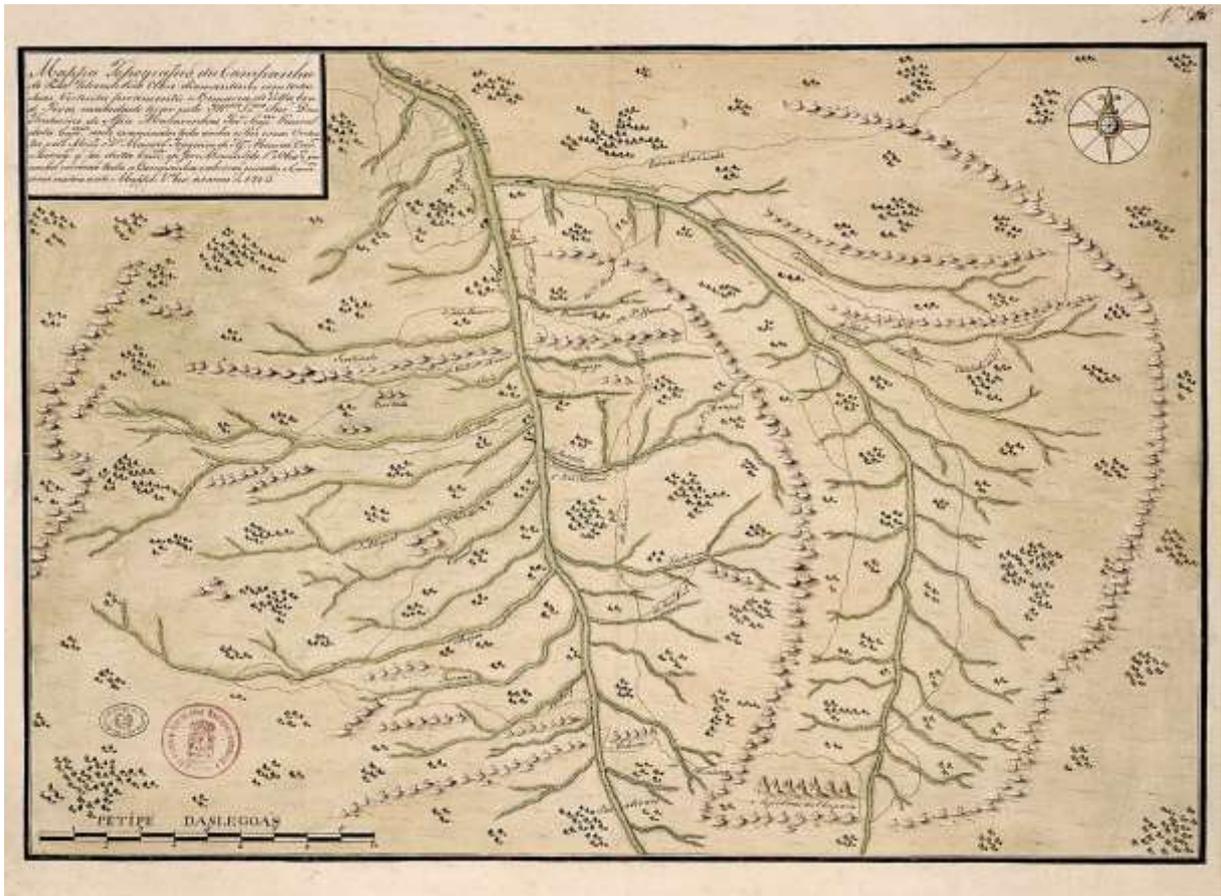
caminhos, compostas em sua grande maioria por oficiais do governo português, as bandeiras consistiam em organizações particulares, na qual os colonos solicitavam a autorização do rei de Portugal para explorar o território e as despesas ficavam a cargo de seus organizadores, isentando por sua vez a responsabilidade da coroa nessa empreitada. Sobre essa questão ver Júnior (1945); Bertran (1978).

A necessidade de comunicação entre a metrópole principal e os centros mineradores promoveram a abertura de estradas pelo interior do país, uma delas se tornou o caminho mais curto para acessar núcleos como Cuiabá e Sant’Ana, por onde circulavam muitos tropeiros que conduziam mercadorias das cidades litorâneas para as áreas auríferas. O estabelecimento da via permitiu o reconhecimento dos Rios Claro e Pilões, locais que Bartolomeu fez buscas por ouro durante sua viagem em 1724.

Ao encontrar os Rios tropeiros estabeleceram um campo de pouso para descansarem da exaustiva viagem e verificaram a existência de diamantes no local. Entre essa busca e a demanda pelo repouso fez surgir um povoado que recebeu o nome de Arraial do Bonfim (atual Israelândia), o primeiro arraial consolidado no Oeste Goiano.

O encontro de diamantes nesta localidade conduziu centenas de pessoas para o Oeste de Goiás e para conter a população que não tinha permissão para explorar a região o governador de Portugal ordenou o fechamento da área e implantou em torno dela uma rigorosa vigilância.

**Figura 1:** Mapa topográfico da área diamantífera



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

A área representada no mapa compreende o Distrito Diamantino de Rio Claro. Por ser rica em diamantes, o governador da capitania <sup>3</sup>decidiu implantar um sistema de arrendamento onde os interessados pudessem adquirir por meio de licitação, anuência e pagamento de impostos o direito de explorar a área.

Dois irmãos, Felisberto e Joaquim Caldeira Brant, “arremataram o contrato de diamantes”, adquirindo, portanto, o direito de explorar as jazidas. Originários de São Paulo, instalaram-se no local do vau da pousada do Rio Claro onde estava baseado o Quartel do Pilões – a guarnição principal do “Distrito Diamantino do Rio Claro” (GOMIS, 1998, p.37)

Além da família dos Brant vieram escravos para trabalhar nas minas e foram construídos acampamentos para abrigá-los. Vieram também outras pessoas que ao receber a notícia que havia diamantes nesta localidade se estabeleceram na localidade. É nesse contexto que o povoamento se estendeu pelo Oeste Goiano e a mineração se tornou, portanto, o principal fator de povoamento nesta região (quadro 1):

**Quadro 1** - Oeste Goiano- povoados fundados com a atividade mineradora no século XVIII

Povoados	Gênese
** Bonfim (Israelândia)	1746
** Pilões	1748
Rio Claro (Iporá)	1748
Guanicuns (Anicuns)	1749

\*\* Povoados desaparecidos no século XVIII.

Fonte: IBGE, 1958; IBGE, 2019.

Bonfim, como se sabe, foi o primeiro povoado erigido no Oeste Goiano e recebeu este nome em homenagem a um santo católico (SQUIAVE, 2018). Sua fundação ocorreu em 1746 com a passagem de tropeiros pela estrada real que ligava os dois arraiais de ouro (Sant’ Ana e Cuiabá) e, principalmente, pelo encontro de diamantes na cabeceira do Rio Claro. A proibição da exploração de diamante em torno do Rio Claro levou este povoado a ruínas.

Transcorridos dois anos de inauguração do primeiro povoado, foi construído as margens do Rio dos Pilões um povoado que recebeu o nome de Pilões. Este núcleo surgiu nos anos de

<sup>3</sup> É importante mencionar que Goiás até a primeira metade do século XVIII fazia parte da Capitania de São Paulo, somente em 1749 que o governador da capitania de São Paulo Gomes Freire de Andrade decide desmembrar Goiás de São Paulo, tornando Goiás uma capitania independente.

1748, com a vinda dos irmãos Brant para a região. Neste local, foram erguidas casas coloniais, quartéis de polícia para oferecer segurança à atividade mineradora, uma vez que sobreviviam dois grupos indígenas - Kayapó e Akroá e era constante o embate entre colonizadores e garimpeiros clandestinos. A saída dos irmãos da área em 1751 não só interrompeu a exploração de diamantes <sup>4</sup> como também contribuiu para o esvaziamento populacional do povoado.

Segundo Squiave (2018) a população que vivia em Pilões, em sua grande maioria, era composta por escravos que prestavam serviços para os mineradores e o conhecimento dos motivos que levaram os irmãos romperem o contrato, teria desmotivado outros empresários de explorar a área e concomitantemente impedido de vir para a região outras pessoas para trabalhar nas minas e no comércio.

Em razão disso, Pilões “passou a ser apenas uma guarnição militar e um entreposto comercial entre Vila Boa e Cuiabá” (BRANDÃO, 1978, p.46). Este cenário foi alterado apenas nos anos de 1801, quando o governo português liberou a exploração de diamantes e isso contribuiu para retomar o povoamento na área. Em 1833, Pilões foi elevado a Distrito de Vila Boa e teve seu nome alterado para Rio Claro (GOMIS, 1998).

As trilhas que se abriram para conectar as regiões do ouro com a Metrópole principal foram importantes para o povoamento. A passagem por um rio ou por uma comunidade indígena aguçava a curiosidade dos bandeirantes, eles sabiam o que poderiam encontrar nestas águas, sabiam também do conhecimento que o povo nativo possuía do lugar e que ferramentas usar para adquirir as informações que queriam.

Estes elementos contextualizam o surgimento do povoado de Guanicans, atual Anicuns. Sua origem foi registrada nos anos de 1749, momento em que uma expedição liderada por Bartolomeu Bueno (filho) em viagem à Vila Boa encontrou sobrevivendo na área o povo indígena Guanicans e adquiriu informações que nas terras havia ouro. Após a constatação se estabeleceram na área para iniciar a exploração do minério e isso favoreceu o seu povoamento. Desse modo, em 1841 foi elevado à condição de distrito e passou a se chamar Anicuns IBGE (1958). Concomitante a mineração, outros fatores contribuíram para o povoamento do Oeste Goiano, dentre eles, a política de aldeamento<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> A coroa Portuguesa decidiu proibir a exploração de diamantes na área, por meio do documento assinado em 1771, que constava a proibição de tal atividade.

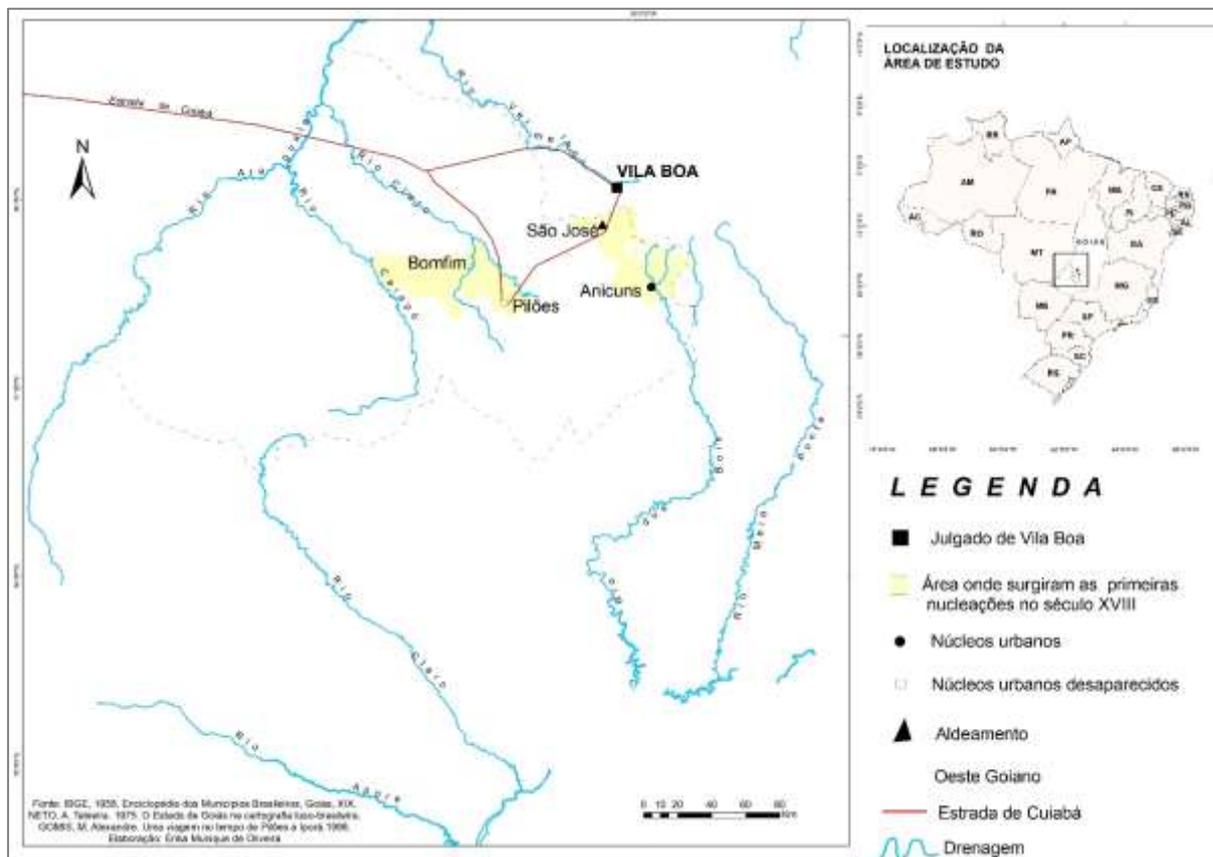
<sup>5</sup> Elas consistiam em uma forma de exercício de poder porque distanciava os povos nativos de suas moradias originais, de seus costumes e cultura. De certo modo, o objetivo fundamentava-se na conversão destes povos ao cristianismo, nos padrões civilizatórios que serviam aos interesses da coroa portuguesa (PALACIN, 2001).

A política de aldeamento se estabeleceu em Goiás com intuito de conter as pressões entre indígenas e colonizadores. No oeste goiano, este sistema foi implantado em 1755, quando o Governador Geral Barão de Mossâmedes fundou a Aldeia de São José de Mossâmedes.

[...] A aldeia de São José de Mossâmedes era destinada a alojar as tribos Acroás, Javaés e Carajás, que para lá haviam sido trazidas do duro. Estes extinguíram-se, mais tarde, sendo o local povoado com os Caiapós, dos quais havia tentando civilizar várias hordas [...] esta povoação forma um grande quadrilátero de ângulos irregulares, nos quais foram levantados edifícios pequenos, com sobrado, para alojamento dos oficiais que geralmente acompanham o Governador (POHL, 1976, p.152).

A aldeia de São José de Mossâmedes foi construída próximo de Vila Boa (capital da capitania de Goiás) um dos mais importantes núcleos do garimpo até o final do século XVIII. Além das finalidades descritas por POHL (1976) a aldeia cumpria papel de desenvolver uma agricultura de subsistência para abastecimento das regiões mineradoras, prática atribuída às áreas onde não se desenvolviam a exploração do ouro. A figura abaixo mostra as nucleações consolidadas neste período.

Figura 2- Oeste Goiano: Nucleações consolidadas no século XVIII



Bomfim, Pilões e Anicuns foram importantes núcleos de exploração mineral e teve seu povoamento estimulado por esta atividade. São José (atual Mossâmedes) deu suporte a estes núcleos supracitados pelo desempenho da função agrícola e apresamento de povos nativos, cumprindo papel importante neste período.

Por quase um século após a interrupção da exploração de diamante e a construção de um aldeamento indígena, a região manteve seu povoamento estagnado. E isso aconteceu segundo Palacim (1972, p.137) devido “a quebra de rendimento das minas, fonte de toda a atividade econômica”. Isso provocou de certo modo “o estreitamento do comércio interno e uma economia voltada para a subsistência e esvaziamento dos centros de população, ruralização e empobrecimento e isolamento cultural”.

A ocupação da região retornou com o incentivo a uma nova atividade – a agropastoril. Tal atividade ganhou relevo no início do século XIX, quando o governo imperial instaurou a política de ocupação de terras devolutas por meio da venda de sesmarias, como resultado desta política novos povoados surgiram, o tópicos a seguir tratará essa questão.

### **O surgimento de novos povoados no século XIX**

Com a interrupção da mineração provocada pela proibição da exploração de diamantes em todo território e pela escassez de ouro nos principais centros da mineração houve um estreitamento do comércio interno e esvaziamento da população dos núcleos urbanos existentes (PALACIM, 1972). Esses acontecimentos marcam a transição do ouro para a atividade agropastoril, ela se tornou a principal atividade econômica em Goiás no século XIX.

A atividade agropastoril em Goiás durante muito tempo se realizava nos campos deste imenso território. Afinal, como garantir o sustento das regiões mineradoras em tempos que as condições de mobilidade eram precárias, lentas e restritas? A produção (cultivo de produtos agrícolas) e a criação de alguns poucos animais postavam-se inicialmente nas adjacências dos principais arraiais minerais. Como os núcleos da mineração geralmente se situavam em vertentes muito íngremes e nas margens de rios, a agricultura e pecuária praticavam em áreas planas, com pouca declividade e isso favorecia seu desenvolvimento.

Por muitos anos as grandes fazendas agropastoris serviram também como locais para pouso e essa função atribuída a elas não induziu processos urbanos em Goiás, como ocorreu no século XIX. Bertran (1978) assinala que isso ocorreu porque as cidades mineradoras intimidavam a criação de patrimônios e conglomerações nas sedes de fazendas, pelos serviços que ofereciam e pela capacidade de reter a população e também pela “[...] a valorização do “mineiro” e a desvalorização do “roceiro” (o atual fazendeiro)” (PALACIM; GARCIA;

AMADO, 2001, p.33), o que de certo modo, interferiu nas escolhas econômicas e espaciais das pessoas nessa época.

Após a exaustão das minas houve declínio do comércio no interior dos arraiais. Os serviços prestados nos núcleos da mineração, em sua grande maioria, atendiam os objetivos desta atividade econômica e com o fim dela foram afetados.

No primeiro quartel do século XIX, o governo imperial induziu a ocupação das terras devolutas, ao fazer isso mobilizou um intenso processo migratório para Goiás. Na época, a cana-de-açúcar e a criação de gado consistiam nas principais atividades desenvolvidas no nosso país. O desenvolvimento de tais atividades também lançaram sementes do urbano, isso não ocorreu de maneira uniforme e intensa como a formação de patrimônios que iremos focalizar adiante, mas fizeram parte da obra urbanizadora no Oeste Goiano.

São Luís de Montes Belos (Fazenda São Luís) fez parte desse contexto, a obra urbanizadora foi iniciada nos anos de 1857 quando a família Cerqueira Leão, natural de Minas Gerais, se estabeleceu na área para produção de cana-de-açúcar e desenvolvimento da pecuária. No mesmo ano foi aberta uma estrada, conectando a Capital da Província até o Mato Grosso (IBGE, 1958). Esta estrada passou pelas terras de José Neto Cerqueira Leão Sobrinho e desencadeou o povoamento ao longo da via, formando então São Luís de Montes Belos. O vocábulo *Montes* presente no nome do povoado foi atribuído devido à geomorfologia do local como pode ser observado nas figuras abaixo:



**Figura 3** - Parte da Fazenda e no alto um monte que compõe o nome da cidade.  
**Fonte:** Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.



**Figura 4** - Primeiras casas construídas ao longo da estrada que foi aberta no interior da fazenda São Luís.  
**Fonte:** Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.

A consolidação do povoado na área da fazenda São Luís não foi obra do acaso, foi fruto de uma estratégia política, José Neto Cerqueira Leão Sobrinho buscou apoio político para a

implantação da estrada que viabilizou o povoamento em torno das terras de sua família. A atitude de José Neto promoveu mais tarde a valorização das propriedades e obteve benefícios políticos algum tempo depois, tendo sido eleito ao cargo de vice-prefeito quando São Luís de Montes Belos foi elevado à categoria de município.<sup>6</sup>

Um fato interessante observado a partir do desenvolvimento da atividade agropastoril foi a consolidação de patrimônios que entre os séculos XIX e XX foram sementes de muitas cidades na região. Torres de Rio Bonito (Caiapônia) e São Sebastião do Alemão (Palmeiras de Goiás) contextualizam essa prática. Na época de seus surgimentos, nos anos de 1845 e 1850, José do Carmo Goulart de Andrade e o tenente Antônio Martins Ferreira de Andrade fizeram doações de uma parte de suas terras para construção de capelas. A atitude dos fazendeiros ascendeu interesses especulativos, uma vez que o local escolhido para o patrimônio ficava próximo a um córrego que abastecia boa parte dos agricultores em volta de sua propriedade, não demorou muito tempo para formar o povoado e as terras serem valorizadas.

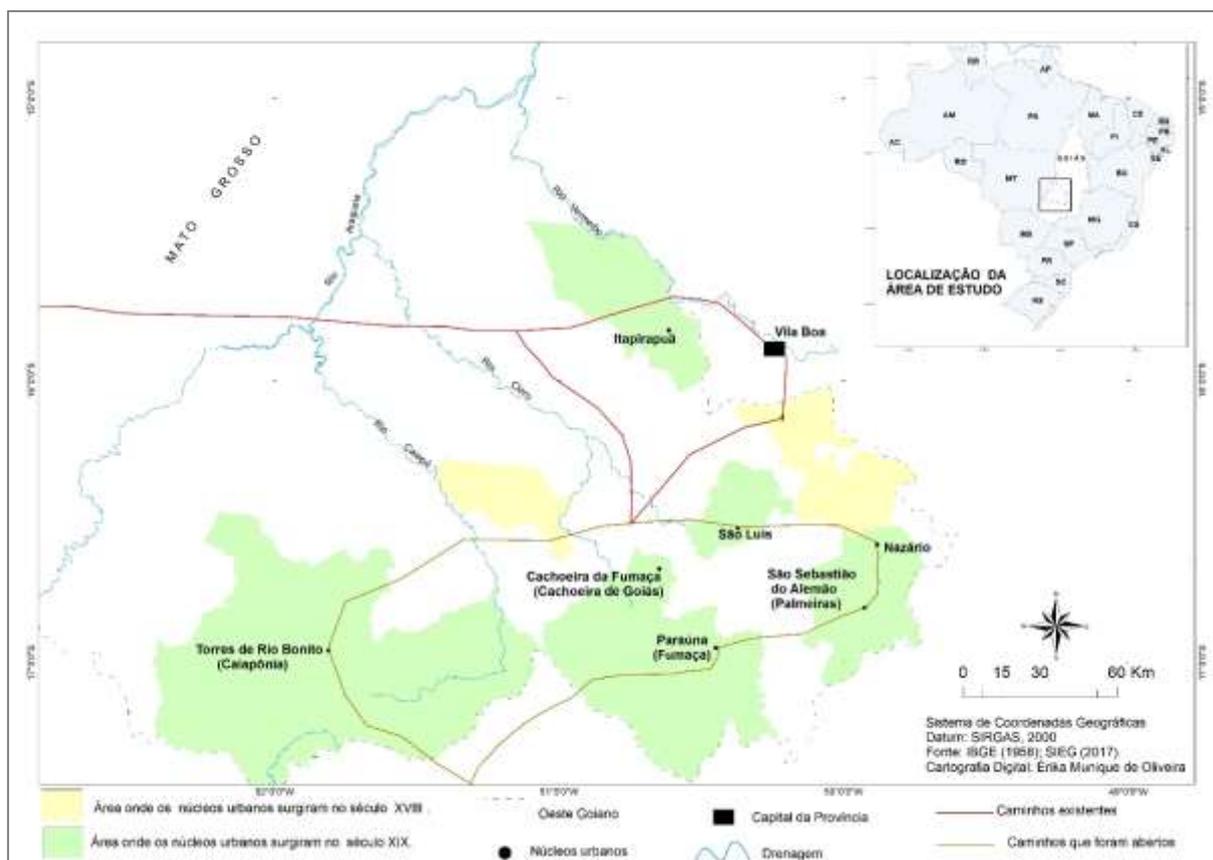
Nazário e Cachoeira da Fumaça (atual Cachoeira de Goiás) também compartilham em seus contextos de formação a doação de patrimônios. Os dois povoados surgiram após a promulgação da lei de terras. Pressionados e com medo de perder suas propriedades pela não obtenção do registro das terras, os fazendeiros resolveram doar parte de suas propriedades para agricultores, com objetivo de incentivar o povoamento em torno delas. Após as doações construíram capelas para homenagear santos católicos e logo nasceram os povoados. Além da capela foi doada uma parte para construção de outros patrimônios, o que evidencia novamente uma ação pautada na especulação e, sobretudo, no objetivo de fundar um aglomerado urbano.

No final do século XIX o povoamento do Oeste Goiano foi estimulado por outros fatores, dentre eles, uma ação política pautada na ampliação do domínio territorial e na continuidade do processo migratório que tinham como destino o território goiano. Itapirapuã contextualiza essa estratégia política. O surgimento desse núcleo urbano se deu no início da república, momento em que esforços ocorreram para ampliar o domínio político territorial. Dentre as ações realizadas com essa finalidade, destaca-se a construção de uma linha telegráfica na área onde se encontra atualmente o município. Essa linha conectou Goiás com Minas Gerais e incentivou um processo migratório que contribuiu para o surgimento do lugarejo ( SAAD, 1978) .

---

<sup>6</sup> De acordo com o IBGE (2017) São Luís de Montes Belos foi elevado à categoria de município na primeira metade do século XX.

Figura 5 - Oeste Goiano: Nucleações consolidadas no século XIX



As formações urbanas, como podem ser observadas, mostram uma configuração espacial diferente, não situavam tão próximos dos principais rios como anteriormente. Essa característica está alinhada ao novo contexto econômico - pecuária de exportação e atividade agrícola de subsistência. A ocupação de terras e a formação de patrimônios respondeu pelo nascimento destas cidades no Oeste Goiano no século XIX e contribuiu para o processo de organização regional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão econômica invadiu o interior do Brasil e traçou as bases necessárias à ampliação do sistema produtivo. O encontro com o ouro fez surgir os primeiros assentamentos populacionais em Goiás.

O povoamento nas margens do Rio Vermelho se estendeu para outras partes do território, atingindo o Oeste Goiano na primeira metade do século XVIII, momento em que os rios Claro e Pilões foram reconhecidos pelo potencial diamantífero. Os arraiais consolidados resultaram de intensas buscas por riquezas minerais e surgiram em virtude de demandas para pouso, assentamento de populações nas áreas de exploração e por apresamento de povos indígenas.

No século XIX a atividade agropastoril se tornou a principal atividade econômica, neste mesmo período o governo promoveu a ocupação das terras devolutas o que gerou um intenso processo migratório para o interior brasileiro. Parte das propriedades foram doadas pelos fazendeiros à igreja e a construção de capelas mobilizou a vinda de comércios, residências, formando assentamentos populacionais em volta destas construções. No final deste século novos povoados foram criados com a implantação do telegrafo e novos processos migratórios em direção ao território goiano.

Nesse contexto, o urbano no Oeste Goiano entre os séculos XVIII e XIX se consolidou em volta das atividades econômicas mais importantes. Apesar de se encontrarem esparsos e as condições viárias e de transporte não serem tão favoráveis a comunicação e trocas de mercadorias os núcleos urbanos existentes interagem, o que anuncia a constituição de uma rede embrionária na região, assunto que será explorado nas próximas narrativas.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, M, C. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2004.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Mapa topográfico da campanha do Rio Claro diamantino e Pilões**. Distrito Federal: APDF, 1752.

BERTRAN, P. **Formação econômica de Goiás** Goiânia: Oriente, 1978.

CHAIM, M, M. **Aldeamentos indígenas: Goiás, 1749 – 1811**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

CORRÊA, R. L. A periodização da rede urbana da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 49, n. 3, p. 39-68, jul./set. 1987.

ERTHAL, Rui. **Geografia histórica** –considerações. *Geographia*, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 29-39, 2003.

GOMIS, M, Alexandre. **Uma Viagem no Tempo: De Pilões a Iporá (1748 – 1998)**. Goiânia: Nova Página, 1998.

GOMES, H; TEIXEIRA, N, A; SALES, A. **Geografia: Goiás – Tocantins** . Goiânia: UFG, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

\_\_\_\_\_. **Cidades**, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 10 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Bases cartográficas: malhas digitais**, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

JÚNIOR, P. C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2000

PALACIN, L. **Goiás 1722 – 1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas**. 2. ed. Goiânia: Oriente, 1972.

PALACIN, L; GARCIA, F, L; AMADO, J. **História de Goiás em Documentos: I Colônia**. Goiânia: UFG, 2001.

PALACIN, L; MORAES, M, A, S, A. **História de Goiás**. Goiânia: UCG, 1989.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no Interior do Brasil**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: Itatiaia, 1976.

SQUIAVE, H, E, G. Rio Claro: a natureza que reúne o espaço mineiro do século XVIII à formação territorial de Israelândia-GO atual. 2018. 175f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2018.